

A Música do Universo

Uma Jornada Mítica,
Musical e Psicológica



SCIENTIA

Copyright@ 2021LarissaDias

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer outra forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Larissa Dias
Revisão de Textos: Fábria Lucas
Ilustrações de Capa e de Miolo: Andrés Bertachini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Larissa

A música do universo : uma jornada mítica, musical e psicológica / Larissa Dias, Angela Ribeiro, Érica Hotts. -- 1. ed. -- São Paulo : Scientia Cultura, Educação e Pesquisa, 2021.

ISBN nº 978-65-80571-10-9

1. Contos brasileiros 2. Mitologia - Aspectos psicológicos 3. Música - Aspectos psicológicos 4. Musicoterapia 5. Musicoterapia - Uso terapêutico
I. Ribeiro, Angela. II. Hotts, Érica. III. Título.

22-107566

CDD. 615.85154

Índices para catálogo sistemático:

1. Musicoterapia 615.85154

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Título Original: A Música do Universo - uma jornada mítica, musical e psicológica.

Prefácio

Foi com muita alegria que recebi o convite de minha querida amiga, a psicoterapeuta Larissa Dias, para escrever o prefácio deste livro, que nos convida a realizar essa viagem em direção ao nosso mundo interno, o que chamamos de autoconhecimento.

O precioso deste livro é que suas autoras utilizam, a partir da história, três recursos que considero muito importantes para que nós possamos realizarmos essa viagem: A Mitologia e seus deuses e arquétipos; a Psicanálise Junguiana; e a Música (esta última é algo que sei que Larissa ama demais, porque assisto no Facebook os vídeos dela dançando).

Acredito que a leitura deste livro poderá orientar muitas pessoas que realmente desejam realizar essa viagem da autorrealização, tão urgente nos nossos dias atuais.

Precisamos reconhecer em nós os protagonistas do conto inicial, Ângelo e Leonora. Para poder ter acesso ao que Jung chamou de SELF, precisamos que nossa Personalidade se volte passiva em relação à nossa Essência, precisamos voltar ao Ser para sermos completos.

A procura do autoconhecimento é milenar. Os antigos ensinamentos que nos oferecem partes do “mapa” em direção ao Ser estão espalhados pelo mundo e disponíveis para quem realmente quer (e não apenas desejar) se religar com o Ser. Suméria, Egito, Grécia, Índia e América nos deixaram valiosas e atemporais “chaves” para abrir os Portais da Sabedoria, e Larissa, Angela e Érica nos demostram, passo a passo, como todas essas “chaves” são úteis na Jornada do Herói.

Tenho certeza de que você não recebe este valioso livro por acaso, e por esta razão quero que desfrute da sua leitura com a mente e o coração abertos, para que assim a compreensão aconteça. Boa leitura!

Khristian Paterhan Condes

Fundador da Escola de Eneagrama

Autor do Sistema Eneagrama 360^o® e dos livros: Eneagrama: Um Caminho para seu Sucesso Individual e Profissional e O Legado de Thot.

Sumário

AGRADECIMENTOS	05
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	17
1 – O CONTO - A MÚSICA DO UNIVERSO.....	25
1.1 Mundo Real	25
1.2 Ouvindo o Som do Universo	26
1.3 Encontrando Formas Naturais de Viver	28
1.4 Leonora, a Sinfonia de uma Flor	29
1.5 O Primeiro Mundo dos Sonhos: Maia e Sarasvasti	32
1.6 O Segundo Mundo dos Sonhos: Apolo, Orfeu e as Musas	34
1.7 O Terceiro Mundo dos Sonhos: Bragi e Taliesin	37
1.8 O Quarto Mundo dos Sonhos: Huehuecoyolt	43
1.9 O Quinto Mundo dos Sonhos: Benzaiten	46
1.10 O Sexto Mundo dos Sonhos: Os Atabaques	48
1.11 O Sétimo Mundo dos Sonhos: Thoth	49
1.12 A Volta para o Mundo Real	53

2 – A JORNADA DO HERÓI	55
2.1 Mundo Comum	59
2.2 O Chamado	60
2.3 A Recusa ao Chamado	61
2.4 O Encontro com o Mentor	62
2.5 A Travessia do Umbral	64
2.6 Aliados e Inimigos	65
2.7 A Aproximação da Caverna Oculta	66
2.8 O Grande Desafio	68
2.9 A Recompensa	69
2.10 O Caminho de Volta	70
2.11 A Ressurreição	71
2.12 O Retorno com o Elixir	72
3 – ASPECTOS MITOLÓGICOS DO CONTO	77
3.1 Divindades do Primeiro Mundo dos Sonhos: Maia e Sarasvasti..	80
3.2 Divindades do Segundo Mundo dos Sonhos: Apolo, Orfeu e as Musas	84
3.3 Divindades do Terceiro Mundo dos Sonhos: Bragi e Taliesin	90
3.4 Divindades do Quarto Mundo dos Sonhos: Huehuecoyolt	95
3.5 Divindades do Quinto Mundo dos Sonhos: Benzaiten	98
3.6 Divindades do Sexto Mundo dos Sonhos: Os Atabaques	100
3.7 Divindades do Sétimo Mundo dos Sonhos: Thoth e Anúbis	102
3.8 Os Sete Mundos dos Sonhos	108
4 – ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO CONTO.....	113
4.1 Ângelo – O Ego	115
4.2 A Persona	120
4.3 Leonora – A Ânima	122
4.4 As Divindades - O Self	125

4.5 O Caminho - O Processo de Individuação	128
4.6 Os Arquétipos Coletivos e a Força do Grupo	130
5 – ASPECTOS MUSICAIS DO CONTO	135
5.1 O que é Música	135
5.2 Música Como Elemento Ordenador do Universo	136
5.3 O Poder Curativo da Música	138
5.3.1 Abordagem Musical – Sua Voz	140
5.3.1.1 Embasamento Musical: Teoria e Percepção	140
5.3.1.2 Embasamento Vocal: Técnica	140
5.3.1.3 Embasamento Artístico: Interpretação	142
5.3.2 Abordagem Musical – Sua Criação	143
5.3.2.1 Elementos da Música.....	143
5.3.2.2 Interpretação Musical: Dinâmicas e Articulações	146
5.3.2.3 Formas Musicais	148
5.3.3 Abordagem Terapêutica – Sua Cura	149
5.3.3.1 O Significado na Música	149
5.3.3.2 O Drama na Música	151
5.3.3.3 A Comunicação na Música	152
5.3.3.4 A Terapia na Música	155
5.4 Aspectos Musicais dos Personagens	157
6 - MITO, MÚSICA E PSICOLOGIA: A GRANDE TEMÁTICA DO HUMANO E DO DIVINO	171
CONCLUSÃO	186
SOBRE AS AUTORAS	188
BIBLIOGRAFIA	197
POSFÁCIOS	202





2 - A Jornada do Herói

O conto *A Música do Universo* é uma jornada, como muitas que percorremos em nossas vidas!

Quando falamos em jornada, é possível pensarmos em um caminho, como uma estrada que temos que percorrer para chegar a um destino. Assim, partimos de um determinado ponto para chegar a outro. Costumamos saber de onde partimos, mas nem sempre sabemos para onde estamos indo. Se falamos de uma viagem, por exemplo, é possível que saibamos o ponto de partida e o ponto de chegada. Mas também podemos deixar o destino em aberto, emendar com outra localidade que queiramos conhecer sem termos planejado isso antes, e tudo isso faz parte de uma jornada!

Como uma das bases deste livro é a mitologia, usaremos o caminho do herói mítico para dar corpo a esta jornada. Normalmente, em uma jornada mítica o destino do herói é desconhecido, pois além da jornada quase nunca ser planejada, salvo raras exceções, ela normalmente nem é aceita pelo herói de imediato. Assim, este é o tipo de jornada que quem percorre não sabe seu destino antecipadamente.

Se pensarmos nas histórias que já ouvimos, podemos nos lembrar que muitas delas se passam em mundos diferentes do mundo real, em um lugar comumente chamado de “mundo da fantasia”. Quando nos colocamos no

lugar do personagem principal, somos capazes de nos transportar para esse mundo fantástico, como se enquanto acompanhamos aquela narrativa, nos suspendêssemos da nossa realidade e entrássemos na esfera curativa das histórias, como diria a sábia escritora e contadora de histórias piracicabana Carmelina Toledo Piza.

A palavra ficção vem do latim *fictio*, que está ligado a fingir, modelar, inventar. Isso representa que quando lemos uma história de ficção, moldamos a nossa realidade de modo que possamos interpretar aquela história. Para isso, usamos as nossas experiências, moldamos a nossa realidade, por meio destas experiências, para o sentido que a história nos traz e, assim, conseguimos aproveitar “aquilo que não é real”, com um sentido de verdade.

Além disso, em uma história é possível encontrar muitos personagens fantásticos que compõe esse mundo mágico. No conto em questão, esses personagens são divindades mitológicas, o que acaba trazendo um maior poder, pois as suas histórias são mundialmente conhecidas por eras e eras.

Também podemos dizer que sentir os personagens como parte de nós é um ponto interessante ao lermos uma ficção. Isso ajuda a trazer aquela história para a nossa realidade. Pode ser que alguns leitores tenham identificação com Ângelo, com Leonora ou até mesmo com a história de alguma das divindades, e isso é ótimo, pois traz as nossas experiências pessoais para o conto, fazendo com que ele ganhe mais força.

Outra questão interessante é que, em um conto, a questão da temporalidade pode variar de acordo com a “licença poética”, pois não é necessário estabelecer uma ordem cronológica formal quando se é transportado para o mundo das histórias. Neste caso, as divindades que aparecem aqui são de culturas e épocas diferentes, mas fazem um conjunto uníssono com a Música do Universo, pois assim como as histórias, os deuses estão além do espaço e do tempo, pois residem em uma esfera diferente, que a psicologia analítica chama de inconsciente coletivo, que é um imenso

banco de dados da humanidade, que pode ser acessado em qualquer época ou local, através da nossa psique.

Após esta introdução, vamos abordar a jornada do herói, já que o conto “A Música do Universo” foi escrito nessa estrutura. A Jornada do Herói é um termo criado pelo mitólogo Joseph Campbell, na publicação do seu livro O Herói de Mil Faces, em 1989. Campbell percebeu que existia um certo padrão que se repetia em todas as histórias dos heróis mitológicos e ao buscar compreender como esse padrão funcionava, chegou à conclusão de que essas etapas eram na verdade parte da condição humana de um modo geral.

Ele ainda diz que a estrutura básica da jornada do herói é quando ele abre mão do local onde vive para começar a aventura e assim ter uma certa percepção simbólica que lhe é apresentada, para depois retornar à vida normal.

Conforme Campbell (2013), os eventos da jornada do herói trazem uma vitória sobre as questões psicológicas do ser humano. O herói passa pelo mundo da psique e executa toda a sua jornada lá, passa pelos desafios, mas não faz isso na Terra. Heróis do mundo todo já empreenderam essa jornada, e as etapas se repetem para todos eles nos mitos de cada cultura.

Ao perceber essa estrutura, Campbell então dividiu a jornada em 12 passos e analisou cada um deles, de modo a nos mostrar a substância que havia de cada uma das etapas.

Como a base é mítica, em um de seus livros, Campbell (1990, p.137) mostra como age a descoberta por meio dos mitos dentro de nós:

"Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. Onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo".

Além de Campbell, outro pesquisador, bem mais recente, usou da estrutura dos mitos para trabalhar histórias e deixou sua valiosa contribuição para esse tema. Foi Christopher Vogler, um consultor de histórias que atuou no



3 - Aspectos Mitológicos do Conto

A mitologia é a ciência que estuda as divindades do mundo todo por meio de suas histórias, seus feitos, suas características e seus ensinamentos. Independentemente da crença religiosa, pois essa não é a questão aqui, as divindades carregam em si conceitos importantes que indicam as possibilidades e particularidades da vida humana. Além disso, também podem explicar fenômenos naturais, como a criação do universo e todos os elementos que nele atuam.

Agora alguns elementos interessantes sobre a mitologia, segundo Campbell (1992):

1) No mundo da mitologia, os deuses não têm uma única realidade fixa. Eles podem estar em dois lugares ao mesmo tempo, sem perder, assim, sua força e intensidade;

2) Mesmo estando escondido sob uma “máscara” cultural ou temporal, ou mesmo se alguém representar aquela divindade com a máscara dela em um espetáculo teatral, por exemplo, os antigos acreditavam que aquela divindade mantinha a sua força, como se ela fosse realmente a primeira, a única e a original. Isso tem a ver com o aspecto simbólico do que é divino e mitológico.

Por isso mesmo existem inúmeras divindades no mundo todo. Os estudos

de mitologia comparada mostram que existem em várias culturas deuses com características, se não idênticas, muito semelhantes. Isso ocorre porque essas divindades representam conceitos arquetípicos. Segundo Jung (2014), os arquétipos¹ são uma espécie de forma onde os grandes conceitos são moldados.

Como falaremos sobre as divindades do conto, é interessante saber que podemos classificar as divindades sob várias óticas: divindades criadoras, divindades da terra e da fertilidade, divindades do céu e da ordem, divindades do mundo dos mortos, divindades do caos, divindades do amor, entre outras. Em uma dessas classificações incluem-se as divindades das artes e da música.

Como o conto usa a questão musical como tema, as divindades da música têm um papel fundamental, pois trazem valores como criatividade, eloquência, habilidades com instrumentos e com a voz, capacidade de trazer ao mundo aquilo que é mais belo, ou mesmo questões de ordem e disciplina. Costumam ser divindades alegres, algumas vezes delicadas, outras vezes mais firmes ou enérgicas, dependendo da cultura da qual elas são advindas.

Além dos deuses, a música em si já é mágica, porque existe nela uma harmonia de sons que faz com que o cérebro humano possa viajar para muito longe. Ela reverbera dentro do nosso ser, de forma poética e de forma literal também.

Os mais famosos compositores trouxeram para o mundo músicas que estavam mais próximas das esferas divinas do que das esferas humanas, capazes de causar os mais diversos tipos de sentimentos nas pessoas que as ouvem. Mesmo compositores ou intérpretes menos famosos conseguem causar certa reação a quem ouve suas músicas. De forma geral, é uma forma de arte que mexe com a alma humana, pois sua linguagem parece falar para ou ressoar em nossas almas.

¹O conceito de arquétipo será mais detalhadamente trabalhado no capítulo 4, e por esse motivo não nos estenderemos aqui.

Se os seres humanos conseguem esse tipo de reação com a música, imagine o que os deuses antigos não podem conseguir se usarem sua música conosco. Para os deuses não há barreiras, pois eles conseguem atravessar as barreiras que os mortais não poderiam, como a exemplo de Orfeu, que transitava pelo mundo dos vivos e dos mortos por causa de sua encantadora música.

Interessante observar que não são todas as culturas que possuem deuses específicos, personificados, para a música, como é o caso de algumas culturas africanas. Também é importante observar que no conto nem todos os deuses da música foram utilizados, ou às vezes os deuses da música que são mais comuns em determinada mitologia não aparecem, pois o conto necessitava de outro tipo de divindade, uma outra energia para trazer à tona determinado conceito. Isso porque essas divindades surgem por meio de imagens mitológicas, que conforme Campbell (1992, p.114):

“As imagens do mito, por isso, jamais podem ser uma representação direta do segredo total da espécie humana, mas apenas o propósito de uma atitude, o reflexo de uma posição, uma postura de vida, uma maneira de jogar o jogo. E onde as regras ou formas de tal jogo são abandonadas a mitologia dissolve-se – e, com a mitologia, a vida.”

Assim, temos as divindades da música no conto, mas elas não representam a imagem total que essas divindades carregam ao longo das eras, ou seja, não refletem todos os seus aspectos representativos. No conto foram usadas as características que interessavam para contar aquela história, de modo que fosse possível trazer a energia daquela divindade. Porém, é preciso ter em mente que para cada divindade existem inúmeras facetas, pois o conceito que as permeia é muito maior e até mesmo muito mais complexo do que podemos perceber.

Muitos estudiosos da mitologia costumam fazer divisões e teorias para estudar os mitos antigos. Isso pode ser positivo para gerar uma ordem lógica de entendimento e didática que facilite o aprendizado. Mas quando essa ordem lógica se torna limitante, com a ambição de esgotar todos os sentidos daquela história tão antiga e carregada de significado, essas divisões acabam



4 - Aspectos Psicológicos do Conto

Existe uma conexão que envolve a intersecção entre a psicologia e a arte, tão importante para o trabalho de análise psicológica que vamos nos dedicar neste capítulo a discorrer um pouco sobre a formação psicológica e o papel da arte no psiquismo humano.

Iniciaremos buscando a compreensão sobre a formação psíquica e posteriormente explanaremos como a psicologia faz uso dos recursos projetivos e expressivos da arte para a análise psicológica.

A palavra psique vem do alfabeto grego e significa alma ou mente. Quando nascemos, nossa mente, ainda em formação, já possui memórias, no entanto, tudo o que existe em termos psicológico está inconsciente.

O inconsciente é tudo o que vivemos, desde memórias uterinas (vozes, músicas) até o seu dia de hoje, mas que não lembramos. Pense em tudo o que você viu e vivenciou no dia hoje, neste exato momento em que faz esta leitura. Pensou? Consegue se lembrar de tudo? Provavelmente não.

Sempre ficará despercebida uma cor de parede, um móvel, um barulho, uma sensação, um sentimento, porém tudo é registrado em nossas memórias, de nossos registros nada escapa, fica lá em algum cantinho da mente. Este cantinho de coisas que não lembramos é o que a psicologia chama de inconsciente. Mas o inconsciente não é somente memórias esquecidas.

Considerando o modelo junguiano, temos também um inconsciente coletivo, que são conteúdos instintivos, nascem conosco e são comuns a todos seres humanos. Jung chamou esses conteúdos de arquétipos.

Os arquétipos, que são como sementes psicológicas, são potenciais de vir a ser. No conto, a personagem Leonora representa o arquétipo da *Anima*. Falaremos um pouco mais adiante sobre arquétipos sua importância e papel na psique humana.

Resumidamente, Jung descreveu o inconsciente de duas formas. Segundo ele, temos um inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Assim, no inconsciente pessoal, temos os conteúdos formados a partir de nossas vivências, e ficam armazenados em nossa psique porque foram esquecidos, negados e reprimidos em função da carga emocional de suas lembranças.

De acordo com a fundamentação analítica junguiana, quando nascemos somos puro inconsciente, nascemos como o caos, que é representado simbolicamente pelo círculo que tudo contém.

Neste círculo inconsciente, encontramos o Self ou o Si-Mesmo, no conto representado pelas divindades. Também conversaremos sobre este arquétipo oportunamente, nas próximas páginas. Importante aqui é compreender que este círculo inconsciente que contém os arquétipos é o que Jung denominou inconsciente coletivo.

Assim, a partir do nascimento e do desenvolvimento maturacional e emocional, do inconsciente nasce seu contraponto, a consciência.

A consciência são as lembranças e memórias que eu consigo reter. No primeiro parágrafo do conto vemos uma distinção entre mundo real e mundo dos sonhos. O mundo real é este mundo que conhecemos e vivemos, portanto, consciente.

O mundo dos sonhos inicia-se inconsciente para Ângelo, ele desejava, mas não compreendia a jornada que iria trilhar. Conforme se permite caminhar, a personagem vai acessando conteúdos inconscientes e trazendo-os à luz da

compreensão, ou à consciência.

Existem outros personagens na formação psíquica: o ego, a persona, a sombra, *anima*, *animus*, os arquétipos e o Self, mas o importante é compreendermos que esses personagens se movem nessa estrutura consciente e inconsciente.

O inconsciente, na formação psíquica, tem uma proporção tão maior que a consciência, que Freud, renomado psicanalista e um dos pioneiros nos estudos do inconsciente, chegou a comparar a terra e o universo, sendo a terra a parte consciente e o universo a parte inconsciente. Existem outras comparações simbólicas, que falam deste par de opostos como luz e sombra, o dia e a noite.

Algumas das áreas de estudo da psicologia se direcionam na compreensão destes conteúdos inconsciente. Em suma, a análise psicológica se faz na busca terapêutica de tornar conscientes conteúdos emocionais que são inconscientes.

A compreensão do inconsciente é extremamente relevante, porque este espaço de incompreensão tem força e acaba influenciando nossas atitudes e comportamentos.

Imaginemos uma situação de convivência com um indivíduo “rabugento”, carrancudo e que pouco sorri. Quando criança, esse sujeito ouvia diariamente de seus pais que ele incomodava. A impaciência no trato com as crianças, a vida corrida, cheia de tribulações faz com que o adulto cuidador deseje uma criança quieta, calada e que não incomode seus afazeres.

A criança cresce, e já adulto, nem lembra mais das frases dos pais, porque já são inconscientes, e transita pelo mundo quieto e com medo, sem compreender que as palavras de seus pais moldam seu comportamento, pois “sua cara feia” e carrancuda afasta as pessoas, e elas estando longe de mim eu não atrapalho ninguém.

Percebem o tamanho do “universo” daquilo que não conhecemos e como ele nos move sem que tenhamos percepção?



5 - Aspectos Musicais do Conto

O convite que recebi para fazer este livro tinha o intuito de ter uma abordagem musical e analítica com relação ao conto *A Música do Universo*, que conta a história de um personagem que tem sua relação psicológica com a música. Assim, buscarei nestas paginas trazer elementos musicais, com o objetivo de nortear o leitor a ter uma nova visão mais baseada neste conhecimento musical, de modo que possa entender mais profundamente as nuances sonoras do conto.

5.1 O que é Música

Eu poderia pegar as definições dos dicionários mais específicos e renomados que conheço, para dar uma definição intelectual do que é a música, simplesmente para provar que tenho conteúdo. Mas, ao invés disso, como falamos de processo criativo, por que não eu mesma criar a minha definição de música? Assim como eu posso, você, caro leitor, também pode. Eu o convido a refletir sobre o que é música e o que ela representa para você. Tecnicamente falando, a música é uma organização entre sons e pausas feita para ser ouvida e apreciada. Creio que, assim como originalmente, nós, sem quaisquer instrumentos, apenas a nossa voz (o primeiro instrumento

musical de todos), apreciávamos os sons da natureza, o canto dos pássaros, o balançar das folhas de uma árvore ao ser soprada pelo vento, ou até mesmo o som da água em um riacho, aqueles com um chamado no coração, ávidos por entender e reproduzir aquela sensação de paz, foram estudar e tentar emitir fielmente aqueles sons. Fazendo uma simples analogia, o cantar dos pássaros muito se parece com um assobio, que por consequência, lembra o som de um bambu sendo soprado. Seria conclusivo definir que a vontade de emitir o som dos pássaros levou à curiosidade por soprar um bambu, até notar-se, conseqüentemente, certa semelhança nos sons, que desenvolveria, portanto, um rústico instrumento musical. Através dele, tudo nos leva a crer que a música, a organização de sons e pausas que conhecemos hoje em dia, vem de uma tentativa de emular a paz que a natureza nos transmite através de seus sons.

Os estudos de Grout e Palisca (2014) sobre a música na Antiguidade, especialmente a Grécia Antiga, inspiraram esta condução de pensamentos. Considerando as flautas e os apitos como os primeiros instrumentos, e considerando os poderes mágicos que eram atribuídos à música, segundo o mundo pré-histórico, parece lógico associar estes sons com os sons dos cantos dos pássaros. Aliás, há algo mais encantador do que o canto dos pássaros? Encantador tem "canta" no seu lexo. E tem "en" também, um prefixo grego que significa "para dentro". É no mínimo curioso que o significado de "encantador", algo tido como "magnífico" tenha em seus morfemas o significado de "cantar para dentro". Veja o encanto e o fascínio que a música promove na humanidade desde o seu princípio.

5.2 Música Como Elemento Ordenador do Universo

Obviamente, a tecnologia dos instrumentos foi evoluindo, assim como a evolução da humanidade. Falando por alto, tivemos a idade da pedra, depois o homem aprendeu a manipular o fogo, cozinhar seus alimentos, praticar a

agricultura... Todas essas tecnologias não ficaram limitadas aos alimentos, mas permearam o comportamento e hábitos da humanidade. Até, logicamente, esta evolução chegar à música.

Historicamente, na Grécia, além dos instrumentos de apito rústicos citados anteriormente, já tínhamos um nível de complexidade maior, com mais possibilidades melódicas. Da família dos sopros, o Aulos, por exemplo, é um instrumento grego que se assemelha a uma flauta dupla, com palheta, que lembra vagamente o som de um oboé. Considerando agora a família dos instrumentos de corda, a lira é uma mini harpa grega, com um número variável de cordas, geralmente entre seis e oito, para ser tocada com as mãos. Há quem afirme que a cítara é uma evolução da lira, com uma caixa de ressonância semelhante à do violão que usamos hoje em dia. O nome cítara ou kithara tem o morfema que daria origem ao nome guitarra, tão presente nos dias de hoje, segundo o Online Etymology Dictionary.

Além da interessante correlação entre os instrumentos antigos com os de hoje em dia, o que eu particularmente acho muito curioso neste processo é enxergar a relação das épocas históricas com seus paralelos na música. Enxergar, por exemplo, o paralelismo do período barroco, com seus rococós e voltinhas na arquitetura, com os mordentes e melismas nas músicas, ou o período clássico, com suas colunas eretas, racionais, cheias de lógica, com o período da catalogação do conhecimento em enciclopédias, com a primazia lógica de Mozart, respeitando fielmente a ordem na música (período, resposta... formas musicais com um senso muito lógico e racional). Posso continuar explicando que no romantismo o exacerbo da expressão dos sentimentos trouxe, por exemplo, o pedal de sustentação no piano, fazendo *legattos*, além dos contrastes fortes de dinâmica. O piano já tinha sido inventado anteriormente, e chama-se Pianoforte - do italiano, algo como "tocar baixinho e bem altão". O nome piano é uma redução, um apelido carinhoso do Pianoforte, que é capaz de expressar uma grande gama de dinâmicas, do piano ao forte.



6 - Mito, Música e Arte: A Grande Temática do Humano e do Divino

Após termos trazidos conceitos mitológicos, psicológicos e musicais para dar ao leitor uma coerência lógica sobre as partes do conto, este capítulo vem propor uma viagem, costurando todos esses elementos, para que o leitor possa ter uma visão, no mínimo interessante, do que a criadora do conto sentiu ao escrever esta publicação.

Não sou música. Estranho falar assim, pois afinal ninguém é MÚSICA... Mas todos podemos ter a música em nós, não? Muitas vezes não importa muito se essa música é a que fazemos ou a que ouvimos, mas em tudo a música está. Até no silêncio.

Quando se decide usar a música, como usamos neste livro, creio que é bom sempre termos em mente o que o sábio compositor John Cage disse certa vez:

“Se eu quero 'a vida enquanto arte', corro o risco de cair no estetismo, porque tenho o ar de pretender impor alguma coisa, uma certa ideia da vida. Parece-me que a música – ao menos tal como a encaro – não impõe nada. Ela pode ter como efeito mudar a nossa maneira de ver, fazer-nos olhar como sendo arte tudo o que nos cerca. Mas isso não é um fim. Os sons não têm um fim! Eles são, simplesmente. Eles vivem. A música é esta vida dos sons, esta participação dos sons na vida, que pode tornar-se – mas não voluntariamente – uma participação da vida nos sons. Nela mesma, a música não nos obriga a nada.” (MORAES, 1986, p. 48/49).

Levando em conta essa consideração, não correremos o risco de querer esgotar um assunto como a música em um único livro, pois este é um assunto inesgotável! A música está dentro e fora de nós, e tem inúmeras possibilidades, que conhecemos e que não conhecemos, e como disse certa vez Chopin: *“Nada é mais odioso do que a música sem um significado escondido”* (MORAES, 1986, p. 46)

Assim, vou falar da música aqui como se eu fosse uma pequena borboleta que tivesse entrado por um acaso em um lindo teatro e estivesse ouvindo uma bela sinfonia que um dia algum talentoso compositor fez. Vou voar sobre essas notas e dançar com minhas asas conforme a música que for ouvindo. Não sou o compositor. Não sou o instrumento. Não sou a música. Apenas paio sobre ela e aproveito o que ela pode me oferecer.

Para que essa frase não soe tão louca quanto parece que é, vou me apoiar em outra frase que o mesmo John Cage traz em um de seus livros. Ele era um homem completamente liberto de padrões na autoria de suas composições, então ninguém melhor que ele para me ajudar a explicar este capítulo inteiro: *“Um chinês (conta Kuang-tsé) foi dormir e sonhou que era uma borboleta. Mais tarde, quando acordou, perguntou-se: “Será que sou uma borboleta sonhando que sou um homem?”* (CAGE, 2013, p.137).

Diante dessa explicação inicial e da ajuda onírica de Cage, vamos ao que andei descobrindo ao voar sobre essa sinfonia, enquanto pensava no conto que escrevi...

Ao pesquisar sobre a música, já que ela era tema do livro, fui me deparando com seus conceitos teóricos que, enquanto os lia, sentia que davam as mãos para os conceitos do mito e da psicologia, e saiam saltitando, felizes, em um profundo estado de união.

Este livro foi escrito em parceria com uma talentosa psicóloga e com uma talentosa musicista, porque ninguém melhor do que elas para trazerem conceitos com os quais lidam diariamente. Mas aqui me arrisco a traçar

algumas linhas sobre como a música age na nossa psique e como o mito aparece vez por outra nesses caminhos.

No livro “Matemática e Música”, Abdounur (2006) faz analogias muito interessantes sobre os conceitos numéricos que existem na música. Afinal, penso que a matemática é a música dos números, e a música, a matemática dos sons. De qualquer forma, podemos pensar que o universo vibra em determinada combinação de notas e, nesta perspectiva, podemos até mesmo chamar Deus de “Maestro do Universo”, afinal de contas, a humanidade sempre trouxe divindades à luz para que pudessem depositar sua fé nelas e assim ter esperança e acreditar na vida, além de explicar como surgiu o mundo e os fenômenos naturais.

Mas falando ainda sobre “trazer à luz”, um mega holofote vibrou na minha estante de livros, apontando para o livro “O som e o sentido”, um livro magnífico sobre a música. Nele, Winisk (2017) escreve um capítulo lindo, chamado “Um apêndice sobre o mito”. Então, a apaixonada por mitologia que está escrevendo um livro chamado “A Música do Universo” foi ler, muito empolgada, e se deparou com uma fala do já conhecido antropólogo Levi-Strauss, que dizia o seguinte: “*...Foi preciso pois que o mito morresse enquanto tal, para que sua forma se libertasse dele como a alma deixando o corpo e fosse pedir à música o meio de uma reencarnação*” (WINISK, 2017, p. 164.)

Muita gente pensa que a mitologia está morta, e inclusive já me fizeram essa pergunta algumas vezes. Eu não costumo responder que sim ou que não, mas sempre conto uma história, e, invariavelmente, no fim dela, a pessoa que me perguntou está me contando outra dizendo como determinado mito a toca e aparece na sua vida. Creio que essa é a melhor forma de demonstrar que mesmo que a mitologia pareça apenas palavras e palavras ao vento, ou recheio acadêmico, ela, na verdade, existe profundamente arraigada na nossa psique.

Isso me fez lembrar algo interessante: a primeira ópera que vi na vida foi
